PIM-PAM-PUM!

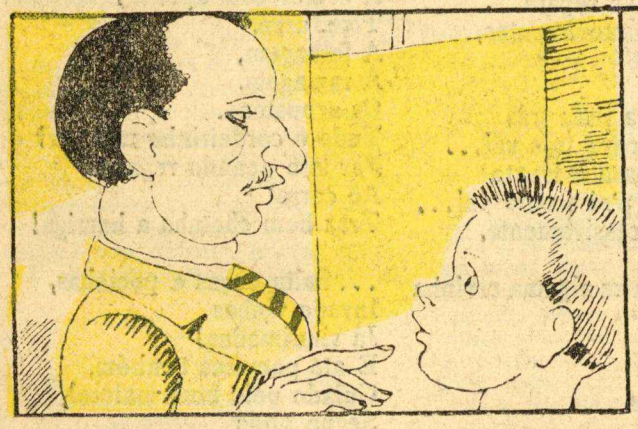
DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 627

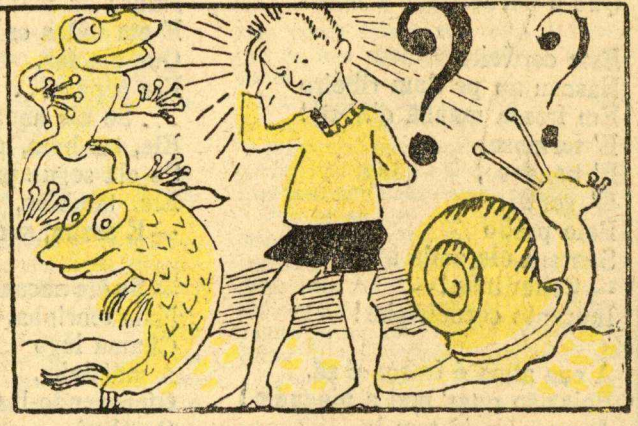
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

ARCINDO

A RESPOSTA DO ZEQUINHAS

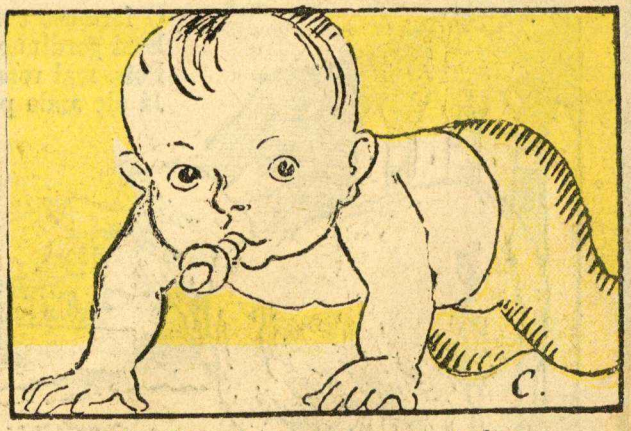


I — Na aula de Zoologia,
Diz assim o professor:
— «Atenção, menino Zeca,
oiça cá, faça favor:



II — Se sabe, dê um exemplo
dum mamífero sem dentes
mas não deixe de me dar
respostas inteligentes.

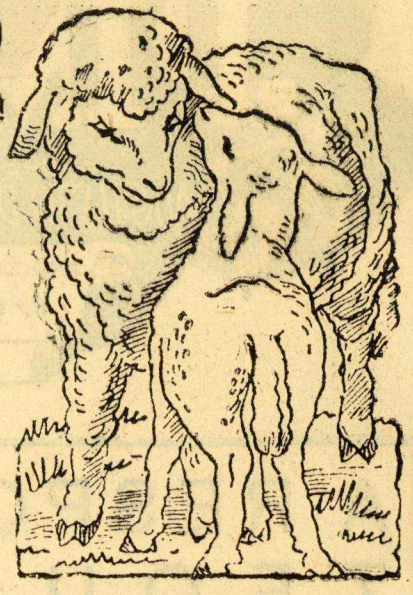
III — O Zequinhas, entretanto,
fica tão apreensivo,
que o nosso bom professor
não sabe qual o motivo.



IV — Mas, de repente, entre todos
que o olhavam, Zeca diz:
— «Conheço dois: — meu avô
e o meu irmão mais petiz.»

FELIZ VENTURA

O CORDEIRINHO



POR ALBERTO NEVES

O cordeiro,
Prazenteiro,
É feliz
E maldades nunca faz.

Nunca vai a festarolas;
Passa vida
Só na serra e no curral...
Nunca viu os automóveis,
Nunca viu camionetas,
Comboios, bicicletas...
Enfim: — só conhece a serra
E o curral...

— E é só por isso, talvez,
Que o cordeirinho é feliz!

Este cordeiro
Nasceu ao pé dum ribeiro
Em fresca manhã d'Abril!
É' formoso,
E' bondoso,
E' gentil...
Pelo prado
Sempre êle anda atarefado
— Coitadinho! —
Inocente cordeirinho!

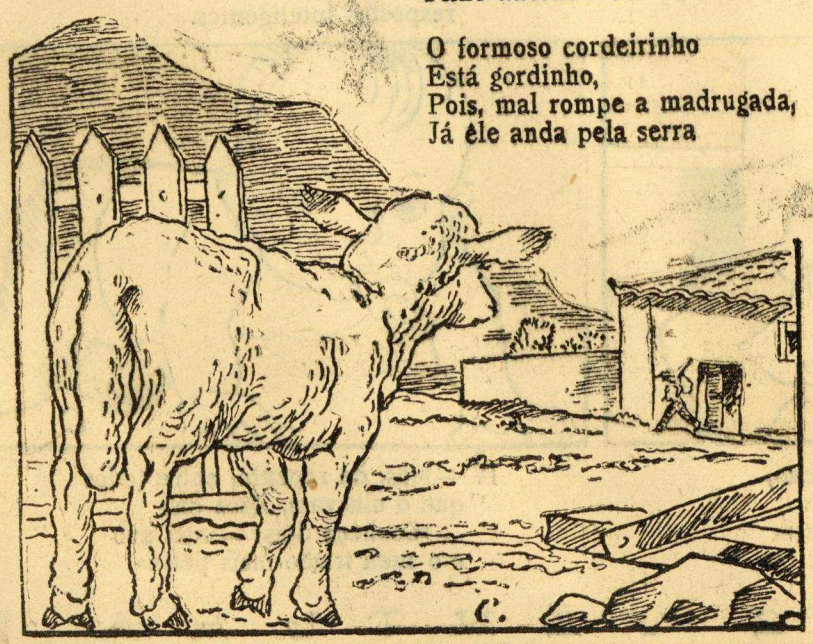
A sua alma é fresca e sã,
Pois não quer' mal a ninguém!
A sua pele já tem lã,
Grande orgulho para a mãi!

No curral,
Vendo-o sorrir,
Põe-se a balir
Ao maioral!
— Dêste, êle é um grande amigo!
... A's vezes, pelo postigo,
Êle espreita
A casinha do maioral;
Só p'ra ter
O prazer
De lá o ver!...

De dia, pelos montados,
Pelos cerrados,
Ou pelos prados,
Nunca da mãi se separa...
E em todos os movimentos,
Que ela faz,
Êle repara...
... Se ela anda para trás
Êle, também, para trás vai...
Se ela segue para a frente
Êle, também, p'rá frente vai...
— E assim, sucessivamente.

— Se êle encontra alguma ervinha
Mais tenrinha,
Chama logo
A mãizinha,
Oferecendo-lhe
O achado...
E ela está mesmo a dizer-lhe:
— «Eu não quero... come tu,
Filho adorado...»

O formoso cordeirinho
Está gordinho,
Pois, mal rompe a madrugada,
Já êle anda pela serra



A comer com apetite:
Tojo, urze,
A folhagem,
A ramagem,
Os arbustos...
Tudo o cordeirinho mastiga!
Por isso quando regressa
Ao curral
Traz bem cheïnha a barriga!

... Salta poças e pocinhas,
Invade vinhas
Já vindimadas!
E até pomares também,
Guiado pelo bom maioral,
Segue atrás
De sua mãi...
— E quando o sol
Já começa a esmorecer,
O cordeiro
Logo acaba de correr,
De brincar ou de comer,
Esperando que o maioral
Dê ordem para o rebanho
Regressar
Ao seu curral...

— ...E êle lá vem, e êle lá vem...
Sempre a dar beijos na mãi!

...É tão meigo o seu olhar...
Que lindo os olhos seus!
Êste lindo cordeirinho
E', de certo,
Abençoado por Deus!

FIM

«PASSATEMPOS»

Por MILAU

O Julito esteve muito doente; chegou mesmo a dar sérias inquietações à família.

Agora está melhorzinho mas precisa ter muito cuidado, porque não está completamente curado e a doença pode voltar. — «Cuidado, Julito! — (costumava recomendar o senhor doutor). — Cuidado, para que volte a saúde. Não apanhes muito sol. Não corras muito, que te cansas; essas perninhas estão muito fracas para correrias.»

E o senhor doutor tem muita razão.

O Julito concordava, mas... é tão bom brincar à vontade!...

Ouve, meu pequeno: Enquanto não podes ir brincar com os outros, deixa trabalhar a tua cabecinha.

Tens muita razão. Estás aborrecido... Mas, pensa bem: não podes ir hoje, irás àmanhã ou noutro dia. Há crianças que são doentes tôda a vida, aleijadinhas que não se podem mover, doentes do coração, que não podem dar uma corridinha sem sofrerem grandes faltas de ar, sufocações; pensa na tristeza dêsses meninos, que vêem as brincadeiras dos outros e não podem nunca — mas nunca! — brincar assim.

E os céguinhos?! Ouvem falar no céu, no mar, nas plantas, nas flôres e não podem vêr tantas coisas lindas!

Afinal, és feliz, Julito. Podes mover-te, vês?! E, dentro de pouco tempo, poderás correr, pular!

Quando estás de cama... é aborrecido, isso é. Mas não fiques muito triste, com aquela carinha apoquentada que nós conhecemos, não?

Vê lá se podes entreter-te com alguma coisa. Conta os vidros da tua janela, as prégas das cortinas, as môscas bailando mesmo por cima da tua caminha (olha que as môscas sabem bailar muito bem!). Depois, folheia um livro, pede uma folha de papel, um lápis e uma tesoura, desenha bonecos e recorta-os; quando estiveres melhorzinho e não te doer a cabeça, podes também estudar algumas lições. Não ponhas o tinteiro em cima da cama, que podes entorná-lo; e tem cuidado com a tesoura, não cortes as roupas.

Mas, agora, estás já de pé e passeias pela casa tôda, para desentorpecer as pernas, não é assim?

Vais uns momentos à janela e também podes saír à rua, com a condição de não apanhar muito sol e não correr demais.

Contenta-te, Julito. Olha que, para princípio, já não é mau!

Quando chega à tardinha, é aborrecido voltar para casa, enquanto os outros meninos ficam ainda a brincar...

Mas pensa que, em breve, poderás brincar livremente. Vai para a janela, entretém-te a vê-los por entre os vidros. Eles foram-se embora? Não estejas assim triste! Levanta a cabeça e olha para o céu: tantas núvens... repara! E que feitios engraçados elas tomam!

Ali, dois homens sentados num banco, perfeitamente desenhados e agora junta-se àquela uma outra nuvenzita; mas... é mesmo um petiz, debruçado nos joelhos do homem da direita!

À esquerda, aquelas núvens parecem muitas árvores; talvez seja um pomar — que dizes, meu amiguinho? — talvez... Pronto, transformaram-se as nuvens, lá se foram as árvores!... Mas além, ai que engraçados!... Uns chine-

(Continua da página 7)

O SENHOR LUCAS

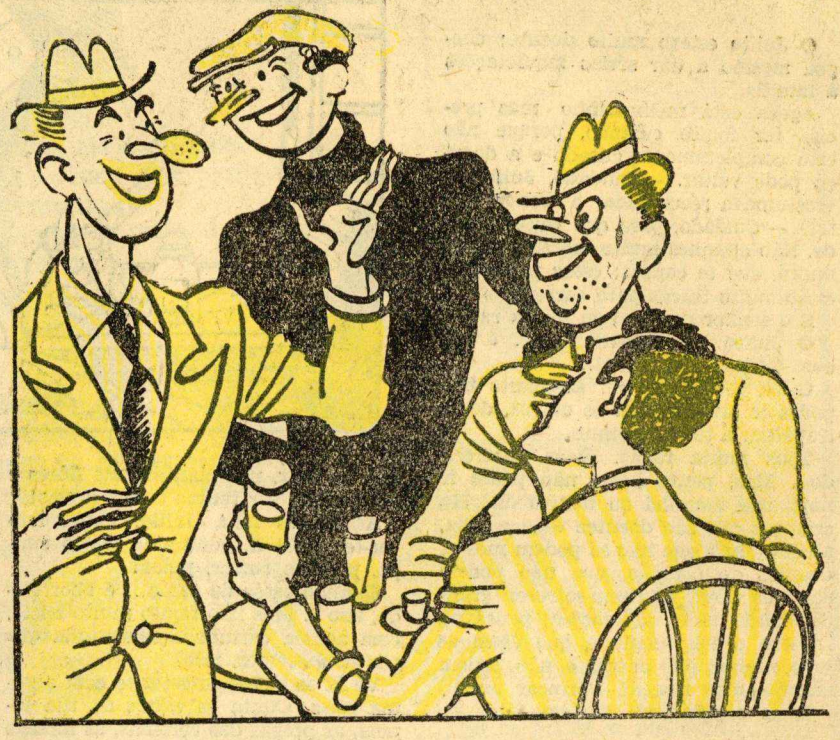
Por ISABEL AREOSA

O senhor Lucas era ignorante como a própria Ignorância mas presumia de sabedor, e, por isso, costumava dizer tolices a torto e a direito.

Quando entrava em qualquer conversa em que êle começasse a querer mostrar a sua ilustração, então é que eram elas! Fazia sempre triste figura! Armava em esperto e punha-se a querer saber mais do que os outros.

Uma vez, estava sentado à mesa dum café com um grupo de rapazes e um dêles contava algumas das suas viágens, entrecortando-as de observações. Quando chegou à descrição duma viagem que fizera pelo Oceano Atlântico, referiu-se a ela nestes termos:

— «De Lisboa à Madeira são dois dias de viagem e da Madeira a S. Tomé são nove dias consecutivos, em que se viaja sempre rodeado da imensidade do Oceano, sem se avistar a mais pequena língua de terra. Êste é o roteiro que fazem os paquetes das nossas companhias de navegação para Angola. Assim foi uma das minhas viagens em que eu tive mais ocasião de apreciar quanto pode a ciência. A divisão do globo terrestre em paralelos, é uma das grandes revelações da inteligência do homem. Com os aparelhos modernos, pode-se determinar o lugar exacto em que o navio se encontra. Foi com verdadeira emoção que transpus a linha do Equador, lembrando-me de quantos séculos levou a descoberta de que a Terra era redonda.»



O senhor Lucas, que nunca atravessara, sequer, o Tejo para ir a Cacilhas, proclamou, logo, com ares importantes:

— «Já percorri, de lado a lado, todo o globo... Mas sou um homem de coragem. Quando transpus a linha do Equador não sofri comoção alguma, a-pesar do violento balanço que o navio deu ao transpô-la.»

Todos deram uma gargalhada, porque, como os meus meninos sabem, a linha do Equador é uma linha imaginária, inventada pelo homem para dividir a terra em duas metades e, portanto, ao passar a linha do Equador, quer por mar, quer por terra, não se pode sentir, porque não existe qualquer diferença de nível.

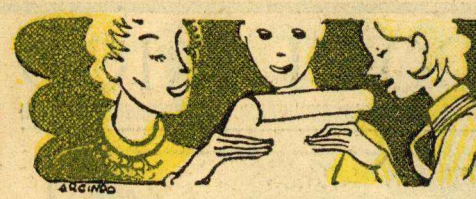
Doutra vez, o senhor Lucas estava sentado à mesma mesa do mesmo café e com as mesmas pessoas, e um dos presentes dizia:

— «O interior da Terra está a uma temperatura elevadissima e é estupenda a pressão que exerce na crôsta da Terra. Custa a crêr que a Terra possa resistir a essa pressão constante. Eu não me admirava mesmo nada se um dia fôssemos todos pelo ar e o Mundo rebentasse todo com uma violenta e indiscritivel explosão.»

O senhor Lucas estava arrepiado desde as unhas dos pés à ponta dos cabelos. Quando o outro terminou as suas considerações sôbre o interior da Terra, quási sem fala, o senhor Lucas gaguejou:

— «Mas, então... então... sendo assim... nada, nada... Vou já tratar de ir viver para outra parte...»

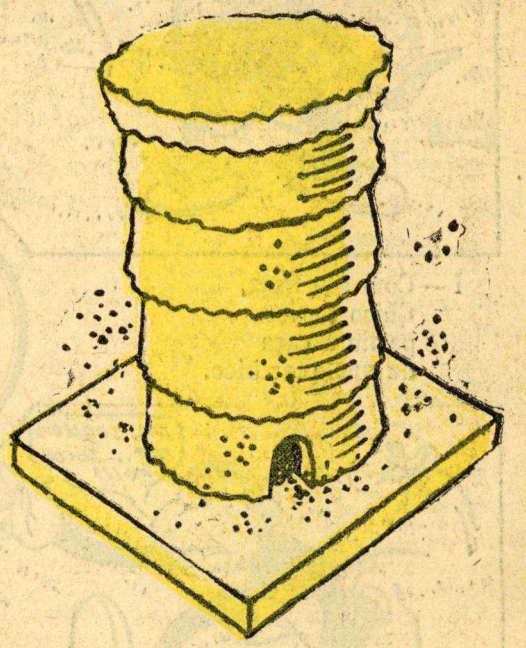
Ora vejam lá os meus meninos! Como se alguém pudesse ir viver para



OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

POR JOSINO AMADO



«Cada roca com seu fuso»
Diz um rifão popular;
«Cada terra com seu u...»
Não o deveis ig...ar

Por isso em terras alheias
E na vossa, ó estudantes,
Crenças, costumes, id...,
Respeitemos tol.....!

Disse a abelha do cortiço:
— O mel cuido em fabricá-lo,
Porém, muito mais do que i...,
Eu cuidarei em p.....!

Sê poupado, evita as iras
Dos reveses neste mundo,
Pois, se não pões, e só t....!»
Em breve chegas ao f....!

---

outra parte que fique fora do Mundo!

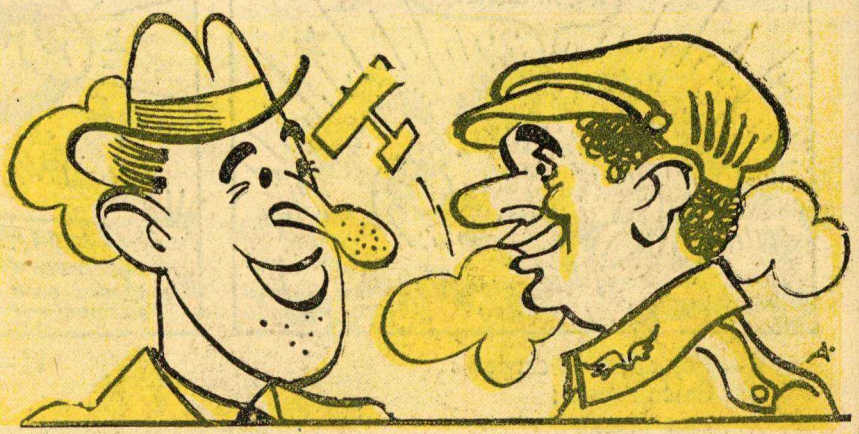
Fizeram uma assuada ao senhor Lucas, que ficou encavacadissimo.

Doutra vez, o senhor Lucas foi vêr um avião. O piloto recebeu-o muito amavelmente e andou a mostrar-lhe todo o interior do aparelho. Levou-o a vêr os camarotes, com duas caminhas sôbrepostas, a luxuosa sala de fumo, a sala de jantar, a «cabine» da telegrafia sem fios, etc.

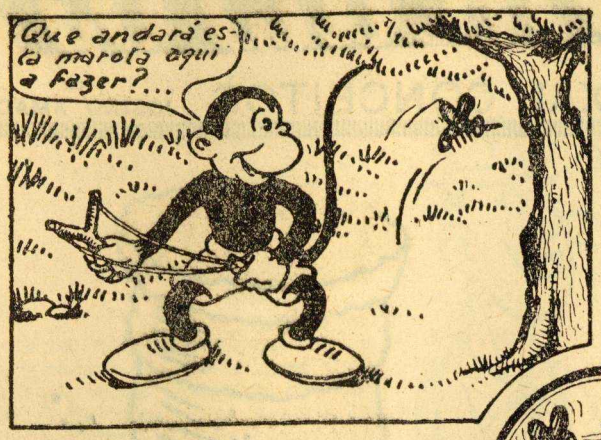
O senhor Lucas estava embasbacado, mas olhava para aquilo tudo com ares entendidos.

O piloto, quando lhe mostrou os maquinismos, elucidou:

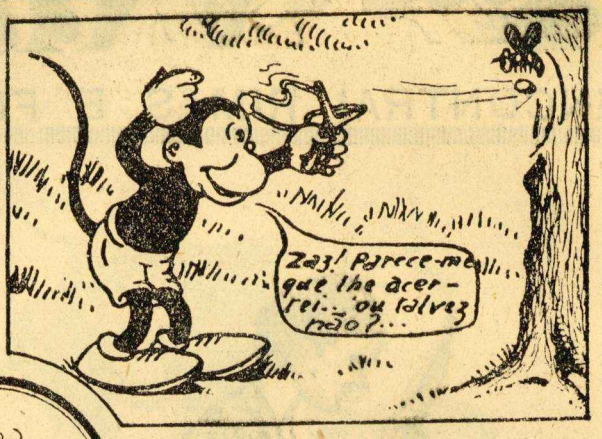
(Continua na página 7)



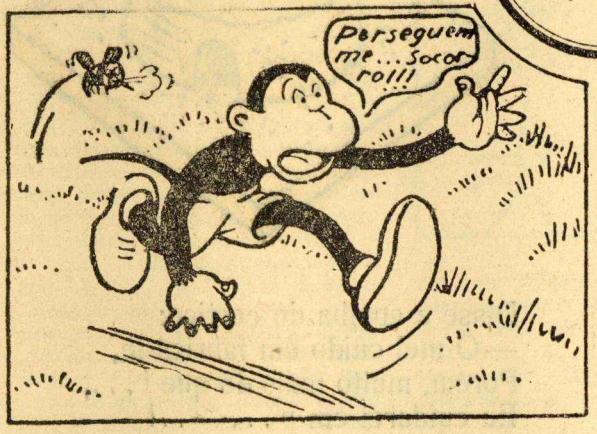
AVENTURAS DE CHICO LARICO



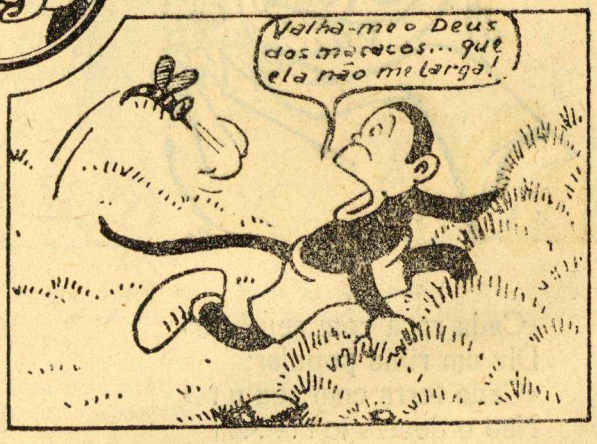
I — Com sua fisga,
Chico Larico
partiu à caça
de qualquer bico.



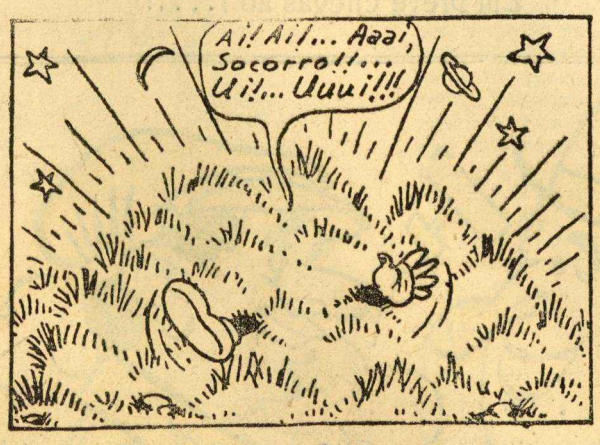
II — Mas, de repente,
junto da orelha,
ouve o zum-zum
de certa abelha.



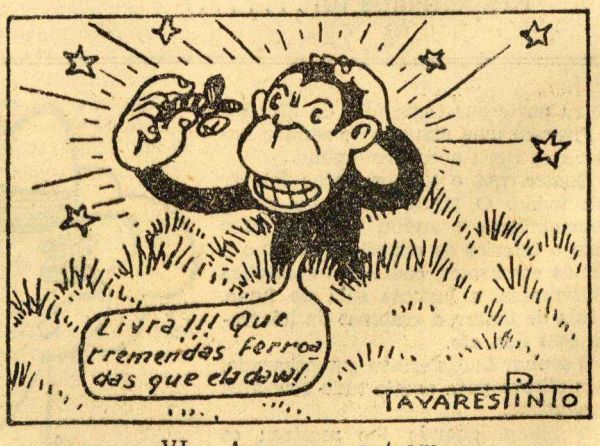
III — Então — ó pernas
p'ra que vos quero?... —
põe-se a fugir
num desespêro.



IV — Mas como a abelha
é muito afoita,
Chico Larico
cai numa moita.



V — Por entre os cardos
Chico rebola;
todo picado
fica na «tóla».



VI — A quem a outrem
quer maltratar,
tais contratempos
se podem dar.

HORA DE RECREIO

N.º 31 — III CAMPIONATO

SECÇÃO CHARADISTICA

Por AMÉRICO TABORDA

RESULTADOS DO N.º 24

DECIFRAÇÕES

1 — Cabala; 2 — *Amor;* 3 — *Fúcaro-furo;* 4 — Pacato-pato.

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º3 — *Dália de Jesus* — 11 votos
N.º 2 — *D. Bibas* — 6 votos

N.º 4, 1; n.º 1, 2; abstenções, 1.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

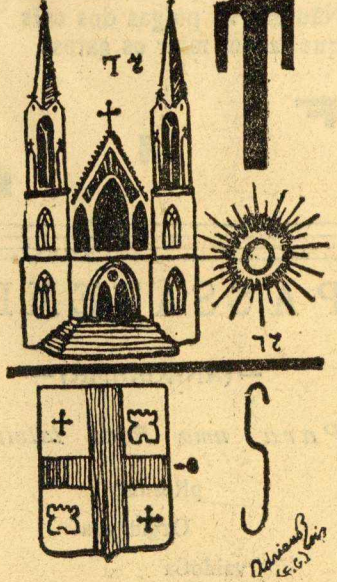
Pimpim, Zé de Argenil, Jorge Pereira, Pipocas, José Antunes Baptista, Jaime Ferreira, João d'Almeida, Armando Jorge, Nélito Arita, Tomigas, Renato Rodrigo Paulo, Fred Cachimbeque, Artur de Melo Cabral, Sob-Chávena e Ezco Pais.
(Totalista)

QUADRO DE MÉRITO

J. Guelhas, Homem-Sombra, Delca, Crisante Taborda, Sandú Alfredo Matos Boavida, António Freie e Rex, 3

ENIGMA PITORESCO

1 —



CHARADAS EM VERSO

Uma *fila* de bandidos — 2
O meu *rebanho* assaltou — 2
Meus dias foram perdidos
Hoje à mingua, *o presso* estou

António Freire

NOVÍSSIMA

3 — Foi a *governanta* quem *destinou* o nome para êste *homem.* — 2-1.

Armandino

SINCOPADAS

4 — E's *do mar,* mas não és meu *irmão!* — 3-2.

A. Seravat

5 — Eu lido com *desvêlo* quanto *trato* das plantas — 3-2.

Américo B. Fernandes

6 — Nesta secção, só é louvado aquêle que houver *conquistado* o seu lugar, por *completo!* — 3-2.

Artur de Melo Cabral

ELÉCTRICAS

7 — Êste *compartimento* está cheio de *renques.* — 2.

Alfredo Matos

8 — Corre como uma *flecha* mas não o *prendas* antes de tempo. — ?.

NOÇÕES DE CHARADISMO

(Continuação)

Escolhidos êstes, os quais constituirão a decifração, basta fazer o que se tem feito para as modalidades anteriores: procurar no dicionário (e nunca na memória), palavras sinónimas ou seus significados. E temos então:

Trabalho=lida
o que dá=dados;
batalhador=lidador.

A frase poderá ser:

O trabalho é o que dá glória ao *batalhador* pela vida. — 2-2-3).

Como sempre, os algarismos, no final, indicam o número de sílabas dos termos a procurar. Quanto a êste, nesta modalidade, a decifração é igual à soma das parciais menos 1.

Outros exemplos:

Suspenda a armadilha dêste *muro* — (2-2)-3.

Decifração: *Parede.*

O enrêdo não foi *preparado em segrêdo* para ser *contrariado* — (3-3)-5.

Decifração: *Entrechocado.*

António Pequenino

O SENHOR LUCAS

(Continuação da página 5)

— «O motor é da fôrça de oitocentos cavalos.»

O senhor Lucas, para se fazer conhecedor, preguntou logo:

— «E são cavalos «puro-sangue?»

Os aviões têm umas máquinas que accionam uma élice e são as rotações da élice que o fazem subir e andar no espaço.

Mas calcula-se pelo termo de «cavalos» a fôrça de certos motores. Assim, diz-se que um automóvel é da potência de 40 cavalos, enquanto há outros menos possantes, cuja fôrça é apenas de 30 cavalos ou menos.

Calculem, portanto, os meus amiguinhos, a cara do pilôto!

Quando o senhor Lucas se despediu do pilôto, disse-lhe:

— «Muito prazer em conhecer V. Ex.ª...»

Ao que o pilôto respondeu, com a maior cortezia:

— «Igualmente. . Não tenho, porém, o gôsto de saber o nome de V. Ex.ª»

— «Lucas... um criado ás suas ordens.»

— «Lucas?!»

— «Exactamente, sou Lucas.»

— «Ah! Eu logo vi!» — concluiu o pilôto.

«PASSATEMPOS»

(Continuação da página 3)

ses, com os seus chapelinhos bicudos e os seus rabichos, parecem cumprimentar-nos, enquanto, mais ao longe, aparece uma mulherzinha gorda, com um grande carrapito e trazendo uma cêsta no braço.

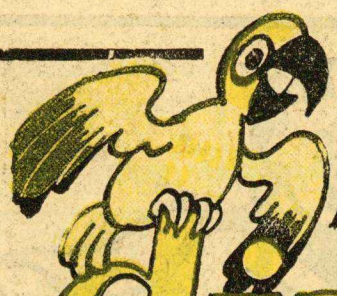
Que tal, Julito?! Aposto que ainda vais desenhar num caderninho, todos os feitios que tomaram aquelas núvens caprichosas, que tanto nos distraíram.

Depois, para a caminha! Dorme bem tôda a noite, porque, àmanhã, se estiver bom tempo, irás mais um bocadinho para a rua.

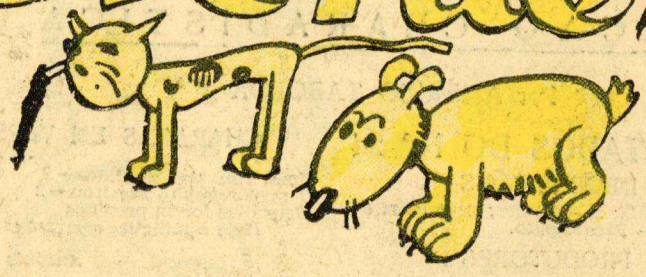
Mas, vê lá, meu petiz!...

Como diz o senhor doutor...

— «Cuidado, Julito! Cuidado com essa saúde!»



Razões diferentes



Por LAURA CHAVES

Era um senhor cachorrinho
que tinha um palmo de altura,
pêlos brancos no focinho,
e, no resto do corpinho,
pelagem de côr escura.

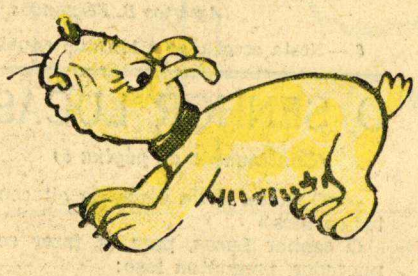
Andava muito lavado,
tinha êste nome: «Pimpão».
Com coleira e perfumado,
o cachorrinho amimado,
mal punha as patas no chão.

Um dia, o que aconteceu!
mas que percalço maldito!
Uma pulguinha saltou
e no pêlo se embrenhou
da barriga do canito.

Êste, que tão bem vivia,
vai, sentiu uma picada,
e ganiu, em berraria:

— Como hei-de ter alegria
com esta coisa ferrada!

E, sem deixar de ganir,
coça, coça, coça, coça,
até sua dona vir,
que desatou logo a rir
fazendo uma grande troça.



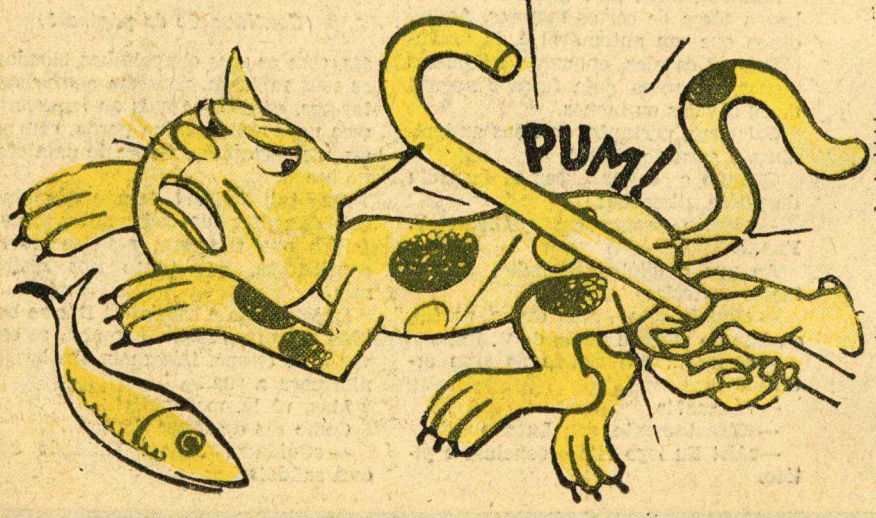
— Vejam lá êste pimpão
que uma pulga faz chorar!
E, pegando nêle, então,
catou muito bem o cão
até a pulga matar.

Nisto, o gato, na cozinha,
miou, em grande escarcéu.
Por roubar gorda sardinha
iam-lhe partindo a espinha
com o cabo dum chapéu.

E o cachorro, repimpado,
quando disso êle deu fé,
rosnou, muito impressionado:
— Pobre do gato, coitado,
aquilo é pulga, ó se é! ...

— Olha com o que tu vens! —
palrou, o loiro, o «Pilatos»:
— Razão é que tu não tens!
Não são as pulgas dos cães
que fazem miar os gatos!

F I M



PASSATEMPO

— (ANAGRAMA) —

Para uma Rosa toleirona

pResumida
Orgulhosa
vaidoSa
invejosA